

HANNAH ARENDT (1906-1975)



A política é a arte que ensina aos homens a produzir o que é grandioso e radiante ao contrário da força, que é dom e pertença de qualquer homem, no seu isolamento, contra todos os homens, o poder apenas acontece se e quando os homens se unem entre si no propósito de exercerem uma acção, e deixa de existir quando, por qualquer razão, eles se dispersam e abandonam uns aos outros.

♦ Nasce na Alemanha de uma família judaica. Discípula de Heidegger e Jaspers, é educada no existencialismo. Doutora-se em filosofia por Heidelberg em 1928, mas é expulsa da Alemanha e vive em França até 1941, quando, depois de passar quase incógnita por Lisboa, se instala nos Estados Unidos.

♦ A Arendt cabe, talvez, a mais original retomada do conceito clássico de *polis* como um espaço público, uma praça pública, esse lugar integrador que não admite a oposição dualista *Estado/Sociedade*, regressando-se a uma perspectiva que também está próxima do conceito neotomista de *sociedade política*, procurando a harmonização do *Estado-aparelho de Poder* com o *Estado-comunidade*.

♦ A antiga assistente de Heidegger, com quem tem uma paradoxal relação de amor-ódio, tanto no plano das relações pessoais como no domínio das ideias, tenta conciliar o existencialismo com certo vitalismo romântico, onde a política aparece como a *arte que ensina aos homens a produzir o que é grandioso e radiante*. Destaca-se como analista do totalitarismo (1951) e da revolução (1962).

♦ Sem nunca ter aderido a um partido e a um movimento político, também acaba por não estruturar uma escola de pensamento, até porque se recusou a criar um sistema. Aliás, sempre proclamou que o *pensamento* se distingue do conhecimento científico: tem sempre um carácter provisório, como a teia de Penélope, onde se está sempre a desfazer o trabalho que antes se levou a cabo.

Importa mais levantar os problemas mesmo que não se encontre solução para os que foram identificados.

♦A sua tese central é a consideração do consentimento como a base da autoridade e da liberdade como a essência da política. Defende que *o sentido da política é a liberdade*. Assim, *o sentido da política, e não o seu fim, consiste na circunstância dos homens livres, para além da violência, do constrangimento e do domínio, terem entre si relações de iguais e não serem chamados a comandar e a obedecer senão quando pressionados pela coacção, isto é, em tempo de guerra*.

♦Também nós queremos seguir a esperança de Hannah Arendt no sentido de se mudar o presente conceito de Estado e *os únicos rudimentos que vemos para um novo conceito de Estado podem ser encontrados no sistema federalista, cuja vantagem é que o poder não vem nem de cima nem de baixo, mas é dirigido horizontalmente de modo que as unidades federadas refreiam e controlam mutuamente os poderes*.

♦Um conceito que, no plano das relações externas, talvez implique uma autoridade não *supranacional*, mas sim *internacional*, dado que *uma autoridade supranacional seria ou ineficaz ou monopolizada pela nação que fosse por acaso a mais forte, e assim levaria a um governo mundial, que facilmente se tornaria a mais assustadora tirania concebível, já que não haveria escapatória para a sua força policial global — até que ela por fim se despedaçasse*.

♦Esse conceito, no plano interno, exige *uma nova forma de governo que é o sistema de conselho que, como sabemos, pereceu em todo lugar e em toda época, destruído directamente pela burocracia dos estados-nações ou pelas máquinas dos partidos* e que passa pela criação de uma série de *espaços públicos de lugares de trocas de opinião*, onde é possível *um processo auto-selectivo que agruparia a elite política verdadeira de um país*, mas uma elite aberta, onde entrariam todos os que se interessam pelos *assuntos públicos*.

♦Com efeito, Arendt não advoga nem a noção de governo mundial nem a de cidadania mundial, como as defenderam certos idealismos liberais. O federalismo que propõe, pelo contrário, assume-se como horizontalista, implicando uma dupla cidadania: a das pertenças locais, regionais e nacionais e a da pertença à *oikoumene*, as quais seriam complementares.

•*The Burden of our Time*, Nova York, Harcourt, Brace & World, 1951.. Cfr. trad. port. *O Sistema Totalitário*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978; ed. al. *Elemente und Ursprunge totaler Herrschaft*. A obra, depois intitulada *The Origins of Totalitarianism*, é constituída por três estudos separados: «Sobre o Anti-Semitismo», «O Imperialismo» e «O Sistema Totalitário».

•*Between Past and Future. Eight Exercises on Political Thought*, 1954, Trad. fr. *La Crise de la Culture*, Paris, Éditions Gallimard, 1972. Trad. port. *Entre passado e futuro*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1972

- *The Human Condition*, Chicago, The University of Chicago Press, 1958. Trad. fr. *La Condition de l'Homme Moderne*, Paris, Éditions Calmann-Lévy, 1961.
- *On Revolution*, 1962, Trad. port. de I. Morais, *Sobre a Revolução*, Lisboa, Moraes Editores, 1971.
- *Eichmann in Jerusalem*, 1963, Nova York, Viking Press
- *Men in Dark Times*, Nova York, Harvest Books, 1968. Trad. port. *Homens em tempos sombrios*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987
- *On Violence*, Nova York, Harcourt, Brace & World, 1970
- *Crises of Republic*, Nova York, Harvest, 1972. Inclui o anterior *On Violence*. Trad. port. *Crises da República*, São Paulo, Edições Perspectiva, 1972.
- *Was ist Politik?*, 1993. Trad. fr., *Qu'est-ce que la Politique?* Ursula Ludz, ed., Sylvie Courtiner-Denamy, trad., pref., Paris, Éditions du Seuil, 1995.

➤ 1951 *The Origins of Totalitarianism*

➤ 1954 *Between Past and Future*

➤ 1962 *On Revolution*

➤ 1963 *Eichmann in Jerusalém*

➤ 1969 *Crises of the Republic*

☐ Adeodato, João Maurício Leitão, *O Problema da Legitimidade. No Rastro do Pensamento de Hannah Arendt*, Rio de Janeiro, Forense, 1989; Bradshaw, Leah, *Acting and Thinking. The Political Thought of Hannah Arendt*, Toronto, University of Toronto Press, 1989; Canovan, Margaret, *The Political Thought of Hannah Arendt*, Nova York, Harvest, 1974; Kateb, George, *Hannah Arendt. Politics, Conscience, Evil*, Totowa, Nova Jersey, Rowman & Allenhead, 1983; Lafer, Celso, *Hannah Arendt. Pensamento, Persuasão e Poder*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; Lessnoff (1999), pp. 60 segs.; Parakh, Bhikhu, *Hannah Arendt and the Search for a New Political Philosophy*, Hong Kong, Humanities Press, 1981; O'Sullivan, Noel, *A Nostalgia Helênica e a Sociedade Industrial*, in Crespigny, Anthony, Minogue, Kenneth R., *Filosofia Política Contemporânea*, trad. port., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, pp. 223 segs..

☑ Châtelet / Kouchner, pp. 798 segs.; Enegrén, André, «Hannah Arendt», Châtelet (DOP), pp. 4-1; Maltez (1996), pp. 23, 25, 65, 69, 104, 109, 110, 112, 115, 116, 127, 143, 149, 155, 180, 193, 204, 215, 296, 322, 323, 376, 378, 380, 391, 413, 421 e 42.